



A0066

O DIÁLOGO CÔMICO ENTRE O BRANCO E O AUGUSTO

Bruno Naia dos Santos Spitaletti (Bolsista PIBIC/CNPq) e Profa. Dra. Sara Pereira Lopes (Orientadora), Instituto de Artes - IA, UNICAMP

O riso não se resume ao instante barulhento de quando uma piada é concluída. Ao contrário, ele deve ser compreendido como todo o trajeto até às gargalhadas. Por esse motivo, concentrar-se apenas no que faz ou não faz rir diretamente, parece um pouco equivocado. Para o efeito cômico, o fundamental é a preparação do ouvinte a um estado de euforia, no qual, por qualquer motivo pode estourar em risos. É justamente nesse ponto das preliminares que entram as máximas sobre o riso: as repetições, os automatismos, os quiprocós, enfim todos esses mecanismos que geram comicidade e que estão nos alicerces de toda coisa risível. Contudo, ter ciência desses procedimentos não garante muita coisa, pois eles só se fazem plenos em ação (no caso desta pesquisa) através do jogo entre comediantes: "a dupla cômica" do Branco e Augusto. Nesse jogo, o que define cada qual são as características tipificadas, logo, não existe "O Branco" ou "O Augusto" enquanto personagens únicos. Porém, acima de tudo, se definem um em relação ao outro, numa relação sobretudo de poder. Portanto, não faz nem sentido conceituá-los separadamente, um só existe por causa do outro. O Branco em linhas gerais é: o elegante, o gracioso, o inteligente, o dono da verdade, o que explora, e o que possui o poder em termos de status social. Já o Augusto é: o pobre, o desajeitado, o bobo, a criança, o explorado e o instintivo.

Dupla cômica - Jogo - Interpretação